

NAVESSA ALLEN

DE  
JOELHOS

TRADUÇÃO  
Maria Inês Ramos

Romance **INTO DARKNESS**

FICÇÃO · ROMANCE

# AVISOS SOBRE CONTEÚDO SENSÍVEL

*De Joelhos* é uma comédia romântica sombria, sobre perseguição, que aborda vários temas pesados.

Alerta-se o leitor que este livro contém:

<i>Trabalho sexual online</i>	<i>Exibicionismo</i>
<i>Trabalho sexual</i>	<i>Bondage</i>
<i>Máfia e crime organizado</i>	<i>BDSM ligeiro</i>
<i>Chantagem</i>	<i>Perseguição</i>
<i>Coerção</i>	<i>Abuso infantil</i>
<i>Religião</i>	<i>Abuso doméstico (memórias)</i>
<i>Sangue</i>	<i>Bullying (memórias)</i>
<i>Violência</i>	<i>Slut-shaming</i>
<i>Gore (um pouco)</i>	<i>Consumo de álcool</i>
<i>Sexo explícito</i>	<i>Jogo e apostas</i>
<i>(incluindo múltiplos parceiros)</i>	<i>Consumo de tabaco</i>
<i>Breath play</i>	<i>Menção de assassinos em série</i>
<i>Primal play</i>	<i>e seus crimes</i>
<i>Fear play</i>	<i>Canibalismo (alusão, fora da página)</i>
<i>Voyeurismo</i>	

*Para quem ousa jogar.*

# 1

## JUNIOR

**S**angue a perder de vista. Camisa encharcada, calças todas salpicadas, até enterrado debaixo das unhas o tinha. Era por isso que me vestia sempre de preto, da cabeça aos pés. Com qualquer outra cor, as nódoas de sangue seriam demasiado óbvias, mas com o preto explicava mais facilmente as manchas: atiraram-me uma bebida para cima ou um carro passou por uma poça e salpicou-me. Ao longo dos anos, fui obrigado a inventar inúmeras desculpas.

Felizmente, não ia precisar de nenhuma delas esta noite, porque chovia a cântaros. Os relâmpagos arqueavam sobre a minha cabeça, pintando os arranha-céus distantes em tons de branco e prata. No seu encalço, surgiam trovões, fazendo estremecer as janelas dos edifícios mais próximos. Em noites como esta, a cidade parecia-se com Gotham. Crua e perigosa.

Desviei o meu olhar da tempestade. Ali, à beira-rio, estavam três figuras ao meu lado, todas vestidas de preto porque tinham aprendido a mesma lição sobre manchas de sangue que eu. Imóveis, de olhos mortos olhando em frente, os flancos dos casacos a esvoaçarem ao seu redor, como se fossem asas errantes. Outro relâmpago cruzou o céu, banhando-nos de prata. Parecíamos mais um bando de abutres prontos a atirarem-se a um cadáver do que irmãos supostamente em festa.

Quatro dias. Já chovia há quatro dias seguidos e o rio estava tão cheio de água que o carro que acabáramos de empurrar lá para dentro estava a ser sugado a uma velocidade alucinante. Talvez tivéssemos sorte e os polícias achassem que o dono fora apanhado repentinamente numa inundação e se afogara, em vez de suporem o que *realmente* lhe tínhamos feito.

Uma centelha vermelha ganhou vida no canto do meu olho. Virei-me para ver o meu irmão mais novo, Greg, a levar um cigarro aos lábios.

– Isso ainda te mata – disse.

Ele exalou o fumo contra o vento.

– Ainda me matam primeiro.

Com isso, virou-se e afastou-se, com Stefan a seguir-lhe o rasto.

O olhar de Alec, o mais próximo de mim em termos de idade, cruzou-se com o meu no espaço que eles deixaram vazio.

– Já terminámos?

Acenei com a cabeça. Sim, terminámos. O caso do Tommy Marchetti estava tratado e encerrado. Tal como o pai nos tinha pedido.

O Alec ajeitou a gola da jaqueta para impedir que a chuva lhe entrasse pelo colarinho enquanto caminhava, seguindo os nossos irmãos mais novos e deixando-me sozinho para ver a extremidade traseira do *BM* do Tommy desaparecer na água negra da noite. Aquele velho filho da mãe tinha finalmente partido, estava finalmente fora do caminho, e eu não podia ter desejado melhor presente de aniversário.

Esperei apenas o suficiente para me certificar de que o carro não ia voltar inconvenientemente à superfície, antes de caminhar a passos largos para um armazém agachado à beira-rio. O chão era de cimento, e as paredes de tábuas eram suficientemente velhas para que o vento penetrasse pelas fendas a cada rajada, mas pelo menos já não estava à chuva.

Encontrei os meus irmãos sob o brilho de uma luz fluorescente, com os olhos postos numa grande mancha vermelha a seus pés.

O Alec apontou para ela.

– Que fazemos em relação a isto?

– Lixívia – retorqui.

Dirigi-me para um armário nas traseiras.

Olhei para o Greg.

– Ele sangrou muito.

Os olhos escuros do Greg ergueram-se e encontraram os meus enquanto puxava de mais um cigarro.

– Os cadáveres tendem a fazer isso.

Eu podia ser o «Junior», mas de todos nós era o Greg quem mais se parecia com o nosso pai, sobretudo agora que o brilho alegre e vivo começara a desaparecer-lhe do olhar, substituído pelo mesmo desencanto que já nos tínhamos habituado a usar.

O Alec juntou-se a nós, e afastámo-nos enquanto ele despejava uma garrafa inteira de lixívia sobre a mancha. Quando terminou, atirou a garrafa vazia para um caixote do lixo que estava num canto. Antes do colapso da indústria da cidade, este sítio pertencia a uma peixaria. Agora era propriedade

de um dos sócios do meu pai, um homem que fazia vista grossa à utilização ocasional que lhe dávamos.

O Alec virou-se para mim.

– Ainda te apetece sair?

Fixei o meu olhar no dele.

– O que é que achas?

Ele encolheu os ombros.

– Se tu quiseres, eu alinho.

O Stefan lançou ao Alec um olhar do tipo *Estás a falar a sério?*, que ele não viu.

Ao lado do Stefan, o Greg observava-me, à espera de que eu me decidisse. Como o mais velho, eu era, de facto, o líder. Aquele em quem o meu pai mais confiava, aquele a quem os meus irmãos recorriam para orientações. Só por uma vez desejei que houvesse outra pessoa para tomar uma maldita decisão, para me aliviar de ser sempre eu a pensar em tudo, a toda a hora.

Voltei a olhar para o Alec.

– Não, não quero sair. Estou encharcado e cansado, e quando tomarmos banho e nos trocarmos, serão duas da manhã e já vai estar tudo a fechar.

– Então vais passar o último aniversário dos teus vintes triste e sozinho? – perguntou o Alec. – Parece-me deprimente como a porra.

Abanei a cabeça, começando a ficar irritado.

– Não o passei sozinho. Jantámos em família e depois viemos os quatro dar este passeiozinho bem divertido. – Ele abriu a boca para argumentar, mas eu interrompi-o. – Por aqui, já fizemos tudo o que tínhamos a fazer. A mim não me interessa uma porra o que vão fazer os três o resto da noite, eu cá vou para o meu apartamento. Diz à mãe e ao pai que só volto daqui a uns dias.

Sem esperar por uma resposta, fui-me embora. Talvez fosse deprimente, mas eu queria estar sozinho. Queria o sossego e o recolhimento do meu próprio espaço, e não havia maneira de o conseguir se voltasse para a casa dos nossos pais com os idiotas dos meus irmãos.

O meu apartamento não era muito longe das docas, talvez dez minutos a pé, e eu já estava encharcado, por isso estava-me nas tintas para a chuva. Quase me sabia bem sentir um pouco de frio. O calor avassalador do verão abatia-se sobre a cidade e, com toda aquela água à nossa volta, o ar tornara-se enjoativo e fétido. Apesar de a tempestade o afastar, eu sabia que este era um fenômeno temporário. Teríamos sorte se pudéssemos desfrutar de um ou dois dias de temperaturas mais frescas antes de o mercúrio voltar a trepar até aos trinta e tais.

No passeio, as pessoas passavam por mim a correr. A maioria curvada, como se isso ajudasse a protegê-las do aguaceiro impetuoso, mas eu ia de cabeça erguida, na esperança de que a chuva lavasse todas as provas dos meus pecados. Foda-se, estava cansado. E não era por causa do que tinha acabado de fazer. Era uma exaustão profunda, que me corroía tal qual um lobo raivoso.

Perguntei-me se o meu pai alguma vez se sentia assim. Se o nosso «trabalho» pesava sobre ele da mesma forma. Ao contrário de mim, ele não tinha nascido na máfia. Começou por baixo e foi galgando, entre os soldados rasos, até chegar ao topo da hierarquia. Agora era o tipo a quem os manda-chuvas recorriam quando precisavam de alguém para limpar a porcaria deles, mas como se achava demasiado importante para sujar as mãos, delegava a maior parte do trabalho.

Um sorriso sem humor aflorou os meus lábios. Claro que o nosso trabalho não pesava sobre o meu pai. Não era ele que o fazia. *Era eu*. Bem, eu e os meus irmãos. Nós aguentávamos o peso de tudo. Do risco de sermos apanhados. Do risco de nos podermos magoar. Do risco de nunca mais conseguirmos dormir porque, sempre que fechávamos os olhos, as imagens das coisas que tínhamos feito vinham à superfície e ameaçavam afogar-nos nas profundezas da nossa própria memória.

Ou talvez fosse só eu. Talvez eu estivesse a ser um filho da puta taciturno, porque em vez de passar o meu aniversário na cidade, como tinha planeado, passara-o nas docas a criar mais pesadelos para a minha coleção.

Abanei a cabeça e concentrei-me no que me rodeava. Esta parte da cidade era velha, mas não no bom sentido; era antes por ter sido esquecida e negligenciada, tendo, até agora, escapado à gentrificação que estava a tomar conta de outros bairros vizinhos. O amontoado de prédios de tijolo e argamassa jazia encavalitado junto às ruas estreitas; tinham apenas alguns andares. As poças de água acumulavam-se no passeio, refletindo o brilho dos letreiros néon das lojas vizinhas. Pequenos grupos de pessoas amontoavam-se debaixo de toldos, fumando cigarros ou conversando com amigos enquanto esperavam que a chuva parasse. Este bairro era da classe trabalhadora, na sua maioria imigrantes, e as ruas estavam repletas de sinais disso. Era um bom sítio para nos pertermos, para passarmos despercebidos, e foi por isso que decidi arrendar aqui um apartamento.

Na maior parte das vezes, o meu pai gostava de nos manter por perto porque era um velho paranoico. Os meus irmãos e eu, apesar de estarmos na casa dos vinte, ainda passávamos muito tempo a dormir nos nossos quartos de infância. Eu ficava longe em noites como esta, em que precisava de desaparecer, de desanuviar a cabeça durante algum tempo antes de estar pronto

para voltar a estar perto de outros seres humanos. As vistas e os sons da cidade lembravam-me que o mundo continuava a girar. Que as pessoas andavam por aí, tranquilas, a viver as suas vidas alheias ao tumulto sombrio que fervilhava sob a pele do mundo. Isso dava-me esperança, lembrava-me de que havia mais na vida do que só morte e destruição e a ameaça constante de passar o resto dos meus dias atrás das grades.

Quando cheguei à porta discreta, escondida entre uma joalharia e uma padaria, estava mais do que pronto para sair da chuva. Subindo um estreito lance de escadas, encontrei o meu pequeno estúdio, escuro e estagnado, uma nota a bolor pairando no ar, anunciando negligéncia. Quanto tempo terá passado desde a última vez que aqui estive? Um mês? Dois? A primavera tinha passado num ápice, iniciada por um homicídio accidental que a idiota da minha prima Aly e o namorado cometeram. A vítima era um assassino em série, mas também era filho de uma família bilionária, e foi preciso muito do nosso tempo e bastantes recursos da *minha* família para enganar a polícia e fazê-la pensar que Bradley Bluhm continuava vivo e em fuga. Durante esse tempo, a paranoia do meu pai atingiu novos patamares, levando-o a manter os filhos sob uma vigilância quase constante. Eu provavelmente iria levar por tabela por ter optado por ficar longe, logo hoje, mas precisava de tempo para mim.

Acionei o interruptor ao lado da porta e fiquei aliviado quando um candeeiro próximo se acendeu. Pelo menos tinha-me lembrado de pagar a conta da luz. O brilho da luz iluminou um espaço compacto que podia ser descrito como utilitário. A cama à direita, o sofá à esquerda, a cozinha em frente, com uma porta ao lado do frigorífico que dava para a casa de banho.

Peguei numa muda de roupa limpa e fui tomar um duche, aumentando a temperatura da água até ficar escaldante. Pequenos regueiros cor-de-rosa escorriam até ao ralo enquanto eu lavava os restos de sangue da minha pele. Na minha mente, sorri, ao recordar o carro do Tommy a ser absorvido pelas águas negras do antigo porto. Estava contente com o seu desaparecimento, porque isso eliminava um dos últimos obstáculos que se interpunham entre mim e a filha dele.

Lauren Marchetti.

A rapariga com quem eu tinha crescido no «velho bairro» como chámavamos a *Little Italy*\*<sup>\*</sup>, antes de os meus pais nos mudarem do centro da cidade para um subúrbio chique. Ela era um ano mais nova e, no final do meu último ano de liceu, uma situação que nos envolvia a ambos descontrolou-se,

---

\* Bairro em Manhattan, Nova Iorque, conhecido por ter albergado um grande número de ítalos-americanos no século xx. (N. de T.)

de tal forma que ela acabou por ter de mudar de escola e foi transferida para outro distrito.

Fechei os olhos, recordando o passado, e o meu sorriso desvaneceu-se quando me lembrei da sensação dos nós dos dedos do Tommy a martelarem-me na cara, ouvindo a sua voz furiosa dizer-me que me matava se eu ousasse voltar a olhar para a filha dele. Depois disso, fui para casa, direito ao meu quarto, querendo esconder a vergonha de ter levado uma tareia de um velho, mas o meu pai apanhou-me, olhou para a minha cara e exigiu saber o que me tinha acontecido.

Abanei a cabeça, sentindo a água escorrer por mim abaixo, recordando a criança ingénua que eu era, mesmo aos dezoito anos, mesmo depois de toda a merda que já tinha visto e feito. O meu pai acabou por conseguir arrancar-me a verdade, e temi que a situação se pudesse agravar caso ele decidisse entrar em confronto com o Tommy. Os homens da máfia não eram exatamente conhecidos por deixarem passar incólumes as ofensas contra as famílias. Mas, em vez de prometer retribuição, o meu pai só me fez mais ameaças.

Bem, agora, o Tommy já não estava por perto para dar seguimento à sua, e eu já não temia o meu velhote tanto como antes. Estava farto de andar a desperdiçar o meu tempo. Estava farto de esperar. Tinha passado quase uma década a manter a distância de Lauren, e que Deus ajudasse quem desta vez se tentasse meter entre nós.

Assim que saí do duche, ensaquei a minha roupa suja e levei-a até ao contentor de lixo ao virar da esquina. Os contentores do lixo eram ótimos para eliminar provas. Quando a polícia desse por ela, o lixo já estava no aterro e boa sorte a separá-lo. Mesmo que eventualmente encontrassem as minhas roupas, o terem sido deixadas ao ar livre, rodeadas de lixo a apodrecer, iria contaminá-las o suficiente para que quaisquer amostras fossem inúteis em tribunal.

A seguir, descalcei os sapatos junto à porta da frente e deitei-me no sofá gasto. E depois fiz o que fazia todas as noites, sem falha: tirei o telemóvel do bolso, abri a minha aplicação de redes sociais favorita e fui diretamente ao perfil da Lauren. A página estava repleta de fotografias suas, nas quais ela pousava impecável, quase nua, com luz e enquadramento perfeitos e um sentido de estética assumidamente artístico.

Entre essas fotografias, ela publicava pequenos pedaços do seu dia-a-dia: o que tinha comido ao almoço; uma fotografia a abraçar o seu cão gigante; ela a segurar um cartaz numa manifestação. A fotografia de hoje mostrava-a formal, vestida com um fato preto ajustado na perfeição à sua silhueta, enquanto apertava a mão a uma mulher branca, mais velha, num escritório.

Sorri aovê-la. A Marion Blackwell tinha sido um osso duro de roer. Lauren andava há meses a tentar encontrar-se com a vereadora, na esperança de conseguir o seu voto para um novo regulamento municipal que visava tornar o trabalho sexual mais seguro. Blackwell, de inclinação conservadora, tinha evitado Lauren, mas uma pequena investigação revelou que o filho tinha um problema com «pó branco», e bastou a ameaça de divulgar fotografias dele a snifar linhas nas traseiras de um clube de *striptease* para que mudasse de ideias e agendasse uma reunião.

Seria capaz de ter feito algo muito pior só para poder ver esta fotografia da Lauren com um ar tão triunfante. Recordei-a, contemplando como tinha mudado desde os seus tempos de aluna brilhante, braço cheio de livros, introvertida, escondendo-se por detrás de um par de óculos. A deusa curvilínea em que se transformara já mal se parecia a ela, mas havia traços incontornáveis que a denunciavam: os seus grandes olhos castanhos, o nariz delicado, a pequena falha entre os dois dentes da frente e, o mais revelador de todos, o pequeno sinal mesmo por baixo do olho esquerdo.

Voltando ao topo da página, cliquei no *link* indicado na biografia, e fui diretamente parar à minha aplicação Me4U. A Lauren estava tão determinada em assegurar direitos para os trabalhadores sexuais porque ela própria era uma.

E eu era o maior fã.

Mesmo por baixo do perfil, havia um pequeno botão que permitia pedir-lhe um vídeo personalizado. Pressionei-o e enviei-lhe o meu último pedido, juntamente com uma mensagem.

*Hoje trabalhaste bem com a Blackwell. Estou orgulhoso. Agora mostra-me quão orgulhosa estás de ti própria, Lauren.*

# 2

## LAUREN

**E**stava eu empoleirada sobre o ombro de minhe colegue de casa, a olhar para o ecrã do seu computador, enquanto um vídeo de mim a foder-me com os dedos passava em câmara lenta. O quarto de Ryan estava escuro como uma caverna, as cortinas opacas cumpriam o seu trabalho de bloquear a luz brilhante de fim de tarde. No ecrã, eu apresentava-me deslumbrante. Nua. Perdida nos anseios e ímpetos da paixão. Uma verdadeira deusa do sexo. Até ao momento em que, de repente, soltei um grito silencioso (o som do computador estava desligado) e caí de lado na cama.

Ryan recuou alguns fotogramas e carregou na pausa.

– Aqui – disse, apontando para o *software* de edição por baixo do vídeo. – Se cortarmos aqui e passarmos diretamente para um plano de perfil, preserva-se a sensação de continuidade da cena e parece apenas que mudaste a posição da câmara por pura escolha artística.

Arqueei uma sobrancelha.

– E não é que tive de parar a meio da gravação porque alguém acionou o alarme de incêndio? *Outra vez?* – Ryan enfiou uma madeixa do longo cabelo louro atrás da orelha, ficando com aquele espetacular tom de vermelho que só os muito pálidos conseguem alcançar. – Não queria pôr a ventionha do exaustor a trabalhar no máximo, para o caso de o teu microfone poder captar o som.

– Hum, hum – disse. – Tenho a certeza de que foi isso.

Ryan ficou ainda mais vermelha. Atormentá-la era tão fácil como agradável.

Abri a boca para ver se conseguia fazê-la corar até aos dedos dos pés, mas a porta abriu-se atrás de nós e virámo-nos, pestanejando contra a súbita claridade, para ver a nossa terceira colega de casa, Taylor, entrar no quarto.

A princípio, tudo o que vi foi a sua silhueta, mas à medida que os meus olhos se ajustaram à luz, reparei no seu cabelo cor de alfazema a baloiçar à volta dos ombros e no robe de seda floral amarrado à volta das suas curvas. Estava completamente maquilhada, a pele bronzeada realçada e os olhos amendoados emoldurados por pestanas falsas, o que me dizia que ou estava a preparar-se para filmar, ou tinha acabado de o fazer.

Ela parou a alguns metros de distância e levantou uma pequena caixa em cada mão, olhando de mim para Ryan e para mim outra vez.

– Um subscriptor acabou de me enviar um pedido para gravar um vídeo de um *close-up* do meu cu. – O seu sorriso tornou-se provocador. – Quem se oferece para me ajudar a branqueá-lo e a depilá-lo?

Virei-me para Ryan, que levava já o dedo ao nariz num gesto de «não».

– Estou fora – disse Ryan. – Já vou ter de ficar a olhar para ele durante as filmagens e a edição. Ser eu a prepará-lo também já é demais.

Os meus ombros descaíram numa derrota exagerada enquanto me voltava para a Taylor.

– Está bem. Eu ajudo-te.

Ela dançou com os ombros, parecendo satisfeita. O seu subscriptor deve ter-lhe oferecido uma pipa de massa pelo vídeo. Ela e eu podíamos ganhar a vida a filmar vídeos picantes para os nossos subscriptores, mas ambas sentíamo-nos que os *close-ups* eram muito mais íntimos e exigiam um nível de vulnerabilidade com o qual, normalmente, não nos sentíamos confortáveis.

O olhar dela passou por mim e foi parar ao ecrã.

– É o vídeo que Ryan estragou ontem à noite quando deixou queimar o jantar?

Ryan voltou a virar-se para o monitor, com as bochechas ainda cor-de-rosa.

– Eu não estraguei nada. A Lauren conseguiu acabar de filmar.

A Taylor e eu, de olhos risonhos, trocámos um olhar trocista. Como parte da partilha de tarefas, tínhamos estabelecidos turnos na cozinha. Algumas noites isso significava massa com queijo e salsichas (Taylor), comida tradicional italiana (eu) e pratos de todo o mundo, cada vez mais elaborados, que ou eram incríveis, ou acabavam espalhados pelas paredes da nossa cozinha (Ryan). Em defesa de Ryan, digo que, pelo menos, estava a tentar expandir os seus conhecimentos culinários. E *tinha* melhorado nos últimos tempos. Só quando ele tentava alguma receita nova e mais complexa, como fizera ontem à noite, é que a nossa casa se enchia de fumo.

– Deves-me uma caçarola nova – disse eu. – Acho que a pasta *tandoori* queimada ficou colada ao fundo da que usaste ontem.